



ALISCAMPS.

Arlés tinha antigamente, como Roma, o Elyseu situado dos dois lados da estrada Aureliana, não longe das margens do Rhodano. Sobre a extensa planura dos *Campos Elisios*, d'onde deriva o nome d'*Aliscamps*, o chão está ainda juncado de tumulos antigos, ainda que ha muito tempo bastantes sarcophagos, dedicados pelo amor conjugal, pela ternura fraterna ou pela piedade filial, tenham sido arrebatados para servirem em usos domesticos, para guardar vinho, agua ou azeite; para a lavagem de roupa, e preparação do salitre que tem consumido os ornatos.

DOIS CONTRABANDOS.

I

IMPORTAÇÃO.

- Leva arriba... leva arriba!
- Que temos, patrão? Que ha de novo?
- Vae acordar o Mauricio, e apromptem a barqueta, que eu vejo um ponto negro no horizonte, muito perto das *Desertas*, a pairar... não pode ser senão o *Rapido*.
- Então temos pechincha?
- Não tens ficado satisfeito das outras vezes?
- É verdade; o patrão paga como um prin-

VOL. I. — 4.ª SERIE

cipe russo, ou como um lord inglez!... Vamos a isto.

E saltando da sua macia cama de palha, o barqueiro Joaquim envergou á pressa um collete, poz na cabeça o classico gorro de villão, e descendo como um gamo pela calçada da *Pontinha*, foi bater á porta de uma miseravel casa, semelhante á que elle proprio habitava.

— Mauricio, arriba, clamou o barqueiro, dando estrondosos murros na fragil porta do seu camarada; arriba, que temos serviço de alto mar.

— Ahi vae, ahi vae; respondeu de dentro Mauricio.

E em menos de dois credos appareceu a porta da rua, trajando quasi como o seu camarada, isto e, camisa e collete, calça larga e curta, tudo de chita listrada; em vez, porém, do barretinho de villão, que só cobre o alto da cabeça, o novo interlocutor trazia um velho e roto chapéo de palha americana.

— Saltem a barqueta, disse o homem, a quem Joaquim chamara *patrão*, e que era um gordo burguez, de mais de cincoenta annos de idade: vão reconhecer aquelle navio, e se fôr o patacho *Rapido*, recomendem ao capitão que esta noite mesmo desembarque o contrabando. Em sendo uma hora estarei prompto com a nossa gente em *Camara de lobos*.

— Prompto, prompto, bradaram a um tempo

AGOSTO 29. 1857

os dois barqueiros; e correndo para a *Pontinha*, desamarraram a barqueta, e fizeram-se ao largo na direcção das ilhas Desertas.

O olho experimentado do contrabandista madeirense não se enganara. O navio que pairava avista do Funchal era de facto o *Rapido*, elegante patacho, que não desmentia pelas obras o seu nome de baptismo. Em gaveas e bojarro-na, fingia querer demandar o ancoradouro, mas só enganaria quem nada entendesse de manobra naval, o que succede a pouca gente na ilha da Madeira. Como porém era noite, e noite escura, podia trapacear.

A barqueta deixava atraz de si um sulco luminoso, na rápida carreira em que se dirigia ao navio, e em menos de duas horas estava atracada com elle. Reconhecendo o capitão, os barqueiros deram o seu recado, e os escaleres e lanchara que já estavam no mar, receberam uma valiosa carga de differentes objectos francezes e inglezes; a sua tripulação, armada até aos dentes, lançou mão dos remos, e dirigiu as embarcações para Camara de lobos.

Esta pequena povoação fica, como todos sabem, pouco distante do Funchal para o lado de oeste, e tem um seguro portinho em forma de lapa ou *camara*, talhado pela natureza na rocha viva, onde o descobridor Zargo encontrou e matou alguns lobos marinhos, afugentando de tal forma estes temiveis hospedes, que nunca mais voltaram áquella paragem.

Cerca de uma hora da noite aproximaram-se da lapa as embarcações, e encontraram promptos os contrabandistas; mas também ácharam alerta os guardas da alfandega, o que nem sempre acontece.

O *patrão* (a quem chamaremos Bittencourt, por exemplo) já estava dentro de uma barqueta, e informado de que os guardas fiscaes não dormiam, tinha traçado um audacioso plano. Dirigindo-se para a bocca da camara, atracou á flotilha, e fallou á sua guarnição n'estes termos:

— Os malsins estão alerta; creio que houve denuncia; mas já não é tempo de mudar o ponto de desembarque, nem convém tampouco adial-o. Ali (continuou, apontando para um dos lados da povoação) estão reunidos os guardas; é necessario por consequencia fazer o desembarque acolá (e apontou para a outra extremidade da villa). Não ha tempo a perder: seis homens bem armados saltam na barqueta do Joaquim, e vão simular um desembarque na rocha, ao lado da casa onde estão os da alfandega, e sustentarão fogo com elles, que não pode ser mortifero, visto a noite estar escurissima, e como tal impropria para fazer boas pontarias; entretanto, com o resto da gente, faremos o desembarque das fazendas no local em que os meus homens estão promptos. A seus postos!

— Mas eu é que me não ajustei para entrar em fogo, objectou Mauricio.

— Nem eu, accrescentou Joaquim.

— Não se admittem reflexões, tornou o sr. Bit-

tencourt, com a decisão de um chefe de salteadores ou de piratas. Pega em remos, ou mandando-os deitar ao mar. Salta para a barqueta amigos; queremos seis rapazes corajosos, que hão de ganhar uma boa gratificação. E nós, vamos ao negocio.

Seguiu-se completo silencio; o sr. Bittencourt era conhecido e respeitado por aquella gente, a quem já dera, por varias vezes, muito dinheiro a ganhar. Os escaleres, pois, e a lanchara encostaram-se todos aos rochedos do norte, e a barqueta coseu-se com a terra do sul. Os remos faziam pouca bulha, porque os tolêtes iam forrados de lona.

Não tardou que se ouvisse uma voz forte bradar distinctamente:

— Ó da embarcação, que buscas?

Da barqueta não responderam a este primeiro interrogatorio dos fiscaes da alfandega.

— Ó da embarcação, não ouves?

Repetiu a voz; e como ainda não obtivesse resposta, bradou:

— Fogo sobre elles!

Um rapido clarão e o assovio de uma bala seguiram de perto aquella ordem. Os da barqueta corresponderam civilmente com outro tiro, tão inoffensivo como o primeiro.

Como batedores de campo, enquanto se preparava uma embarcação da alfandega, vieram quatro dos guardas, saltando de penedo em penedo, reconhecer melhor a embarcação, que não podia deixar de ser contrabandista, pela concisa resposta que dera á sonora pergunta dos fiscaes da alfandega, attendendo a não haverem já piratas.

— São poucos, disse um marinheiro para os seus companheiros, e estão á queima roupa; vamos a fazer boa pontaria a estes, enquanto não chegam mais; e veremos quem caça melhor.

— Não faça tal, atalhou Joaquim, segurando a clavina do marinheiro, já engatilhada para matar um innocente; não faça tal: elles cumprem o seu dever, nós é que não cumprimos o nosso.

— Cala-te ahi, fracalhão, que lá me fizeste perder uma boa pontaria! por tua causa deixei de matar aquelle morcego.

— Ó da embarcação... atraca! Tornou a bradar um dos guardas.

D'esta vez foi da barqueta que romperam as hostilidades: seis tiros successivos foram disparados sobre os fiscaes da alfandega; mas não tardou que quatro tiros simultaneos respondessem áquelles, partindo d'entre os cortes das penedias.

Estabeleceu-se em seguida um rijo tiroteio entre os guardas e os contrabandistas, mas sem haver ferimentos de parte a parte, graças á escuridão da noite. A povoação inteira acordou assustada ao som da fusilaria.

Depois de uma hora de combate, e sem que tivesse acudido á rocha mais nenhum guarda, de reforço aos seus camaradas, viram da bar-

queta que se aproximava uma embarcação.

— Deve ser algum dos escaleres, diziam entre si os marinheiros; e na verdade que já tiveram bastante tempo para desembarcar o contrabando... não era elle tão pesado! Rendas, sedas, reljos, bugigangas...

Raciocinavam assim, pouco mais ou menos, quando a embarcação desconhecida, que era de bom pé pelo que se via, chegou a meio tiro de pistola da barqueta.

— Rendam-se, bradou uma voz forte, no meio d'aquella sinistra mudez.

— Estamos perdidos, responderam em côro os marinheiros, com desanimo; mas logo cobrando valor:

— Aos remos, gritou um d'elles; força de remos, Mauricio e Joaquim, vogar para fora d'esta maldita lapa, a ver se escapamos ainda; e nós, camaradas, fogo e mais fogo sobre estes perros de malsins.

Tudo se executou á risca. Uma descarga cerrada varou o escaler da alfandega; e um d'estes gritos pungentes, que a dôr arranca até ao mais valente dos homens, eccou por todo o porto.

— Já lá fica um ferido, ou talvez morto, disse com indifferença o marinheiro que se arvorava em chefe; carrega as espingardas, e mais fogo... Puxa pelo remo, mogango!

Não era preciso tal recommendação aos barqueiros n'aquella hora; puxavam quanto podiam; os remos vergavam como vimes sob as suas mãos calosas.

Porém o escaler da alfandega tambem andava ligeiro, e o fogo das espingardas dos fiscaes não cessava um só momento. Os quatro que estavam nas rochas iam saltando como cabras sobre as pontas das penedias, e fazendo fogo de vez em quando contra a barqueta, que seguia perto da costa.

Era horrivel este combate nas trevas! E mais horrivel se ia tornar ainda!

— Estica!... Estica! clamava o marinheiro-chefe, animando com a voz os remadores, e carregando ao mesmo tempo a clavina. Vá, que já estamos livres d'aquelles diabos da rocha, e galgada a bocca da lapa! Rema força, que o mar está padre e madre... Pica a voga!

De facto tinham-se afastado da terra, e já nenhum mal lhe faziam os que lá ficavam; porém os do mar estavam quasi costado com costado.

— Rende-te! bradou outra voz diferente da primeira.

— Qual render! E então agora que nos chega soccorro!... Fogo n'elles, camaradas, que ahí estão os nossos.

A lancha e os escaleres do *Rapido*, destacando da terra n'esse momento, saíam da bocca da camara, e mettiam a fiscalisação entre dois fogos.

Os recém-chegados disseram logo a que viham com uma surriada de fusilaria.

Novos ais se ouviram a bordo do barco da al-

fundega, porém outro grito de agonia se escapou da barqueta; era Joaquim o barqueiro que caíra ferido em um braço.

Aproveitando um momento que a barqueta ficou sem governo, o escaler da fiscalisação fez um supremo esforço, aprou a ella, e deu-lhe abordagem

Em vista do grande numero de gente que trazia o escaler, os marinheiros tomaram uma resolução desesperada, e executaram-na com a rapidez do pensamento, lançaram-se todos á agua, e nadaram para junto dos seus companheiros de bordo.

Só Mauricio ficou na barqueta ao lado do seu camarada, a quem não quiz desamparar.

O chefe da fiscalisação e mais dois guardas e um remeiro estavam mais ou menos gravemente feridos.

Tomada a barqueta, dirigiu-se o escaler para as outras embarcações; porém aquellas, apenas recolheram os marinheiros, içaram a um tempo as velas, e aproveitando o vento que era de feição, desfilaram por diante do inimigo, dando-lhe a ultima descarga, e safaram-se para o largo.

Chegando a bordo do *Rapido*, metteram a lancha dentro, puzeram os escaleres nos turcos, e marearam no bordo das Canarias.

O commercio de importação estava feito; faltava o de exportação. Descarregara; precisava carregar de novo; mas do mesmo modo, sem dependencia da alfandega.

O capitão levava instrucções para d'ali a oito dias estar em frente de *Porto-Moniz*, na costa do norte da mesma ilha da Madeira. O consignatario do navio, o sr. Bittencourt, lá devia apparecer. Entretanto o *Rapido* ia avistar o pico de Tenerife, por simples distracção, e viraria a tempo na volta do norte para não faltar ao *rendez-vous*.

O sr. Bittencourt ficou em terra em Camara de lobos; não lhe chegou ao nariz o cheiro da polvora, na occasião do tiroteio; e tendo disposto o seu negocio convenientemente, partiu antes da madrugada para o Funchal.

N'esse mesmo dia chegaram tambem á cidade os dois barqueiros presos; confessaram tudo; e o honrado sr. Bittencourt foi mettido na cadeia...

Não foi nada! No dia seguinte deu fiança, e estava na rua. D'ahi a seis mezes absolveram-no os jurados por *salta de provas*. Hoje é director de uma alfandega, ou coisa semelhante.

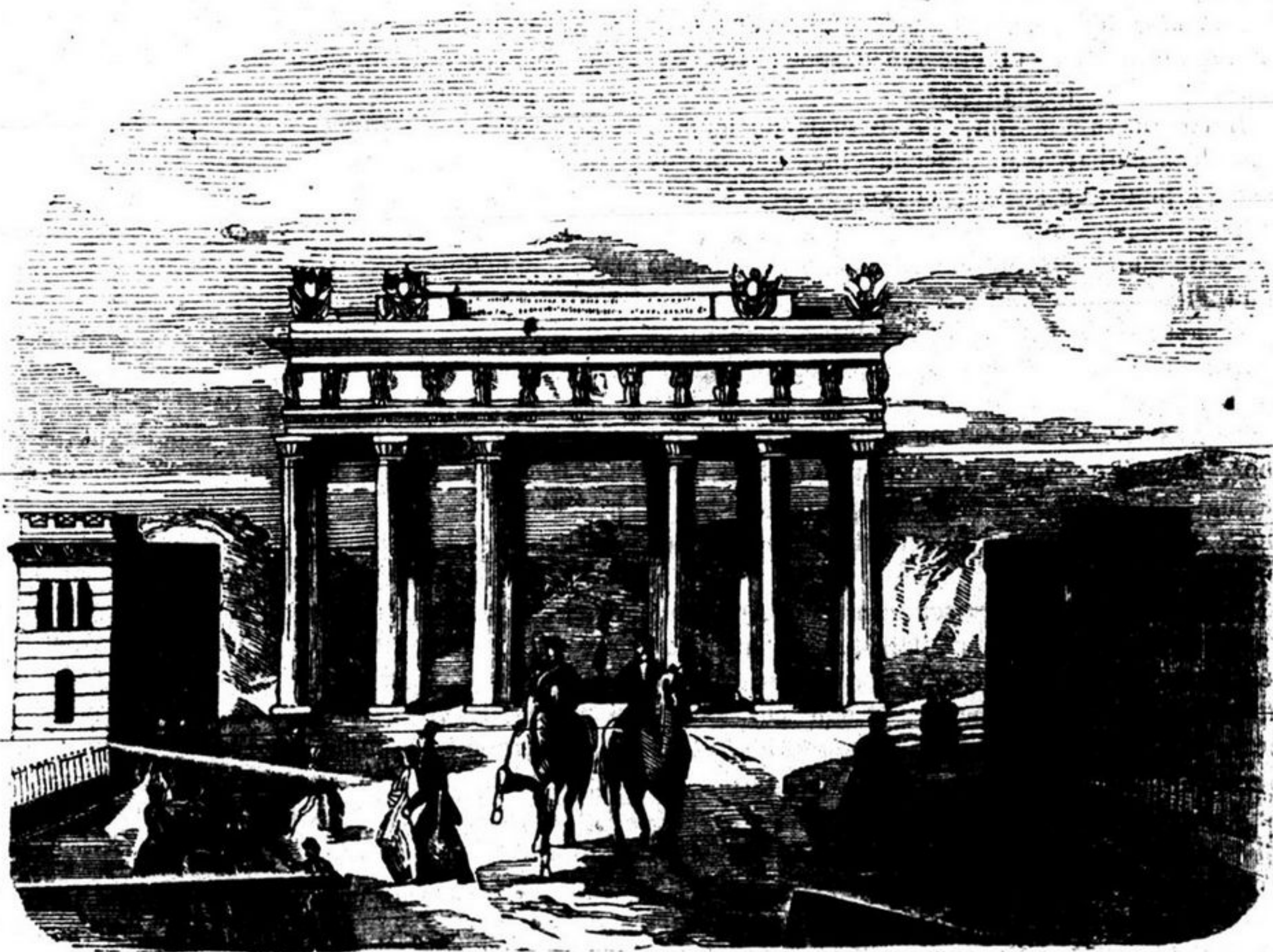
Mas o conto não está acabado.

Ponho aqui ponto á primeira parte, e peço a benevolencia dos leitores para a segunda, que naturalmente apparecerá na proxima semana.

Continua.

F. M. BORDALO.

Ordinariamente os maiores inimigos dos homens, que se acham no poder, são aquelles que desejam subir a elle.



PORTA TRIUMPHAL NA ESTRADA DE MOSCOW.

Ha trinta annos a viagem de S. Petersbourg a Moscow era uma empresa tão custosa quanto de muita despeza; entre as duas grandes cidades só existia um caminho igual ao que se encontra n'outras partes do interior do imperio, coberto n'alguns sitios de traves assentadas transversalmente, e cortado quasi todo de fundas rodeiras. Só o inverno com os seus montes de neve aplanava as asperezas de semelhante estrada, que depois o degelo e as chuvas punham intransitavel. Era preciso tres semanas para andar os setecentos e setenta kilometros que separam da nova a antiga capital da Russia, e estragava-se uma carruagem nova n'este trajecto.

Agora, porém, uma calçada magnifica, um tanto dura por causa da natureza dos materiaes empregados, mas bem construida e conservada, percorrida diariamente por onze diligencias, a mala-posta, e innumeravel quantidade de carroças, liga as sobreditas duas cidades com facil comunicação, de maneira que na mala-posta, partindo n'uma tarde de S. Petersbourg na manhã do terceiro dia está-se nas barreiras de Moscow.

Obra de tres quartos de legua distante das portas de Moscow acha-se o castello de Petroski, palacio de uma construcção pesada, feita de tijolos toscos, n'um gosto extravagante, que mandou edificar Catharina II; a forma é quadrada

como um dado, o que não torna mais grandiosa a sua apparencia geral; está sobrecarregado de ornatos que com a sua côr branca resaltam do vermelho das muralhas, estes enfeites de massa de gesso, como é de presumir, e não de pedra arremedam o gothico, porém de mau estylo. Aqui faz alto o soberano quando tem de fazer entrada solemne em Moscow.

Ao contrario do edificio extravagante, que acabamos de mencionar, ha na mesma estrada, do lado de S. Petersbourg uma elegante obra moderna, que é a porta acima desenhada.

M.

OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA.

PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.

Conclusão.

3.º Ponto. Se o emprego da força era necessario, se era indispensavel, claro está que n'esse emprego alguns desmandes deviam occorrer: pois tal é a condição da nossa fragil humanidade que de nada sabe usar, sem abusar. Abusam os governos; abusam as justiças e até os tribunaes; abusa a força armada, convertendo-se as

vezes no estado em guardas pretorianas; abusam os superiores; abusam os mesmos cidadãos da confiança dos seus eguaes. Não negamos pois que se commetteriam abusos: o que porém afirmamos é que esses abusos, em parte foram apresentados com exageração ante a Europa, e em parte cresceram na mesma America, em virtude das proprias ordens contradictorias das metropoles, quer para empregar-se a força, quer para não se fazer d'ella uso. Demonstremol-o.

Pelo que respeita á exaggeração ante a Europa, já foi ella advertida judiciosamente por um dos escriptores de bom criterio n'este seculo; — o illustre conde José de Maistre: ouçamol-o.

«Duas causas bem differentes contribuíram a fazer que se julgue menos exactamente do estado dos selvagens: uma é antiga: a outra pertence aos nossos tempos. — Foi a primeira a immensa caridade do clero catholico que por vezes substituiu os proprios desejos á realidade... Do meio dos desertos banhados de seu suor e de seu sangue, voavam, a Madrid e a Roma, ecclesiasticos a implorar decretos e bállas contra a avidez dos que desapiedadamente pretendiam reduzir os indios á servidão. Por misericordia exaltavam estes para os fazer valer mais, attenuavam o mal, exageravam o bem, diziam tudo quanto desejavam: emfim Robertson, que não é suspeito, adverte-nos, na Historia da America, de que cumpria *desconfiar em tal assumpto de todos os escriptores que haviam pertencido ao clero, visto que eram geralmente demasiado favoraveis aos indigenas.* — A segunda causa de taes juizos falsos se encontra na *philosophia do nosso seculo*, que se serviu dos selvagens para assoalhar suas vãs e culpaveis declamações contra a ordem social. Porém pouca attenção basta para nos ter prevenidos contra os erros da caridade e contra os da má fé... (1)

Quanto ás ordens contradictorias das metropoles ácerca dos indios, appellamos para os textos d'ellas mesmas; — para toda a nossa legislação antiga e moderna a tal respeito. Em toda ella, excepto só na do tempo d'el-rei D. João VI, falta coherencia de principios, e falta franqueza; falta saber governar com o conhecimento dos homens, e a força de profundas convicções proprias. As leis eram feitas já sob o influxo do pedido dos povos; já sob o dos ecclesiasticos; faziam-se e revogavam-se; tornavam a pôr-se em vigor e logo se annullavam. A legislação a tal respeito resultava absurda; e todos sabemos que as leis

absurdas produzem muitos mais males que as leis mais crueis: de uma legislação absurda só podia resultar (como tambem succede entre nós) a anarchia e a tendencia a procurar cada qual a justiça por suas proprias mãos; — e justamente porque faltava a força para conter os oppressores, e os opprimidos; cujos papeis aliás ás vezes se trocavam.

6.º Ponto. Se quereis saber que elemento de povoação predomina actualmente no Brazil, percorrei as cidades e as villas. Vereis brancos de typo europeu, vereis alguns negros, vereis gente procedente d'estes dois sangues, e raramente, n'uma ou n'outra figura, encontrareis rasgos physionomicos do typo indio, aliás por si bem distincto. E isto não porque se exterminasse esta raça, porém sim porque eram os indios em tão pequeno numero no paiz que foram absorvidos physicamente pelos outros dois elementos, como o foram moralmente. Isto pelo que respeita ao presente. Quanto ao futuro meditaes no desejo que tendes de promover a colonisação europea, na necessidade reconhecida de a favorecer, e nas providencias que já se estão para isso tomando, e dizei se a nação futura podera ser india ou conga.

Penetrae agora no seio das familias. Encontrareis todos os appellidos da Europa. E se ha alguns do paiz foram adoptados modernamente, em vez ou apar dos europeus que designavam o sangue dos avós. — Dirigi-vos ao pae, á mãe, aos filhos, aos criados em guarani. Ninguem vos entenderá. Pronunciae alguma palavra africana. Chamar-vos-hão algum dos escravos menos ladinos para ver se vos entende. Perguntae a cada qual como se chama. Proferir-vos-hão nomes de santos do kalendariô. E concluireis d'ahi que não sois *brazileiros*? — Que Portugal ou a Hespanha vós *dominam* ainda moral ou intellectualmente? — Que absurdo! Fôra como dizer que continua sob o dominio materno o filho de todo emancipado, só porque se parece, como e natural, á propria mãe na cara e no genio, e porque tem os mesmos habitos, falla a sua lingua e pratica identica religião! Pois se o verdadeiro e real *brazileirismo* é isso mesmo que vedes! Se o nome de *brazileiro* não foi inventado senão para designar os civilisadores do Brazil pelo commercio europeu, que a principio só o fazia a troca do pau *brazil*, palavra por certo não da America. E por outro lado se bem ponderamos a condição dos proprios selvagens de hoje, elles nem sequer são *subditos* do Brazil.

Não pretendamos pois fazer presente á nação d'aquillo mesmo que, em particular, para cada um de nós não tomamos. — Porque jus havemos de querer fazer a nação cabocla, antes de começarmos por blazonar de ser caboclos na gemma, e de proceder exclusivamente de caboclos? Ainda quando o fizessemos, quando deixassemos os appellidos de nossos paes, ficavam-nos religião e o governo, a lingua, as leis... todas as heranças da civilisação de mais de tres seculos.

(1) «Como as substancias mais abjectas e mais revoltantes (prosegue este autor), são ainda susceptiveis de certa degeneração, assim os vicios naturaes da humanidade são ainda viciados no selvagem, que é ladrão, cruel, dissoluto; mas d'outra forma que os mais homens. Para ser criminosos, nós vencemos o nosso natural; o selvagem segue-o; tem do crime o appetite, não os remorsos. E enquanto o filho mata o pae para arrancar-lhe os dentes da velhice, a mulher destroe o fructo de seus brutos amores para se poupar á fadiga de amamental-o. Arranca os cabellos ensopados no sangue do inimigo vivo; atassa-lha-o, assa-o, e o devora, cantando; e, se topa licores fortes, bebe até á embriaguez, até á febre, até á morte, sem os temores que dá a razão, sem o asco que aparta os animaes pelo proprio instincto.»

Quereis saber o que é a nação brasileira? Olhae para o proprio brazão d'armas que a symbolisa. N'elle vereis a esphera armillar, significando a origem da dynastia e a do estado, e n'elle vereis tambem a cruz da ordem de Christo, que representa por si só a historia da civilisação do paiz. E isto não escripto n'este ou n'aquelle idioma, inintelligivel aos demais povos; mas apregoado na bella linguagem heraldica, composta de hieroglyphicos, que constituem, nos feitos historicos, uma especie de pasigraphia ao alcance de todas as nações civilisadas.

7.º Ponto. Claro está que, se o elemento europeu é o que essencialmente constitue a nacionalidade actual, e com mais razão (pela vinda de novos colonos da Europa) constituirá a futura, é com esse elemento christão e civilizador que principalmente devem andar abraçadas as antigas glorias da patria, e por conseguinte a historia nacional. Abrace embora exclusivamente os africanos e a sua causa o historiador do captiveiro, impiamente importado, d'esses infelizes; abraçe ainda mais ternamente os indios, e defenda, com o allucinado P. Las Casas, a resistencia que oppozeram e oppõem a libertar-se da escravidão da anthropophagia selvagem, em que jaziam e jazem, o historiador dos indios; — a historia da actual nação, — a historia geral da civilisação do Brazil, deixaria de ser logica com o seu proprio titulo, desde que aberrasse de sympathisar mais com o elemento principalmente civilizador.

Um indio que escrevesse a historia da conquista não teria que cansar-se muito para nos dizer que para elle tudo quanto haviam feito os europeus fôra violencia, illegitimidade, usurpação; e com inscrever estas tres palavras no frontispicio de um livro em branco satisfaria a sua missão, sem rebuscar documentos nos archivos inimigos; pois que lhe faltaria tempo para contar-nos a miseria, degradação e anthropophagia dos seus. — Eis a historia nacional se os indios do matto conquistassem todo o Brazil, e se este tivesse por chefe a um Ambiré e por armas uma frecha india espetando a caveira de um christão.

Um infeliz africano, que escrevesse a historia do captiveiro hereditario, poderia tambem compendiar a sua obra exclamando: Engano, crueldade e escravidão! — E n'estas tres palavras se deveria resumir a historia da republica de Hai-ty, anterior ao actual dominio n'ella da raça africana, se a sua forma de governo, os seus codigos, e a sua lingua permittissem ao historiador haityense renegar de todo da civilisação franceza.

Fora está do nosso animo a idéa de que na historia geral da civilisação do paiz não ha que attender e muito aos elementos da povoação india e africana. E appellamos em prova para esta mesma obra; em que se encontram a tal respeito os trabalhos de mais originalidade e a que votámos mais estudo, maximè em quanto respeito aos indios, cuja lingua estudámos de propo-

sito para este fim. No Instituto Historico do Rio, propuzemos (1) a creação da secção da ethnographia que n'elle existe, defendemos com afiço, que alguns qualificaram de exagerado, a necessidade do estudo (2) das linguas indias, e escrevemos até estas palavras; (3) «Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual imperio mesmo interessará tanto mais ás outras nações civilisadas e instruidas quanto mais longe pudermos fazer remontar, não as fontes da nossa historia, mas os mythos de seus tempos heroicos, — mas as inspirações de sua poesia.» D'aqui até adorar historicamente a selvageria vae muita distancia. Nós tambem estudámos tudo quanto respeitava aos holandezes, e sem embargo não sympathisamos com o seu dominio e applaudimos a sua expulsão.

Porém entenda-se: consignando que o elemento portuguez predominou como principal civilizador não affirmamos que a nossa nacionalidade não tem um cunho especial, (e o contrario fizemos ver) provindo do influxo dos proprios indios, dos africanos e dos holandezes. Até pela adopção de muitas palavras que fizemos timbre de empregar n'esta obra o confirmámos. Tambem as linguas do sul da Europa guardaram palavras celtas, phenicias, carthaginezas, gregas, godas e arabes, e não ostentam de celticas, nem de phenicias, nem de carthaginezas, nem de gregas, nem de godas, nem de arabes. Alguns europeus, e principalmente francezes, pretenciosos até de darem, como fez De Prat, leis para a America, que de ordinario apenas conhecem superficialmente, imaginam aproximações dos indios com os civilisadores europeus, segundo elles identicas ás dos germanos e gallos com os conquistadores romanos. — Nem que os germanos e os gallos fossem anthropophagos, como os indios do Brazil, que aliás eram nomades e não cultivadores proprietarios do paiz, como os germanos e os gallos. A aproximação seria quando muito menos disparatada se os comparassem aos miseros povos da Italia antes do reinado de Saturno, mais verdadeiro do que talvez cremos, ou aos embrutecidos rutulos, antes da colonisação da terra lavinia pelos troyanos, dirigidos, segundo a poesia da fabula, por Eneas. Mas note-se que, tanto o influxo de civilisadores troyanos era considerado gloria da patria pelos romanos, que a sua epopea nacional, — a *Eneida* — não teve outro fim mais do que cantar essa vinda de colonos de além-mar, que dera a Italia a geração dos latinos e chefes albanos:

«Genus undè Latinum
Albanique patres.»

D'esta mesma forma as sympathias, tanto actuaes como do passado (que são as historicas) dos subditos brasileiros sensatos estão pelo elemento civilizador, e com mais razão por-

(1) Rev. do Inst., III, 62.

(2) Rev. do Inst., III, 43 e 44.

(3) Rev. do Inst., XII, 870.

elle devem estar as dos europeus, que não queiram distinguir-se por idéas extravagantes. Isto independentemente dos naturaes sentimentos de piedade pelos nossos proprios antepassados e irmãos em Christo, a quem devemos respeitar no silencio do sepulchro, quando nenhuma justiça condemnou em vida, e quando pelo contrario em geral obraram segundo as idéas do seculo, e segundo julgaram de seu dever perante Deus e os homens.

Em resumo: os indios não eram donos do Brazil, nem lhes é applicavel como selvagens o nome de *brazileiros*: não podiam civilisar-se sem a presença da força, da qual não se abusou tanto como se assoalhá; e finalmente de modo algum podem elles ser tomados para nossos guias no presente e no passado em sentimentos de patriotismo ou em representação de nacionalidade.

Creemos que estas verdades que antes eram para nós, e para muitos outros, apresentadas como por intuição ao espirito, acabam de ser systematicamente formuladas de um modo claro e facil de ser defendido pelos philosophos, pelos jurisperitos, e por conseguinte por historiadores mais consummados e talentosos que nós. Quanto aos politicos, principalmente europeus, as scenas de 1792 e de 1848 foram sufficientes para os desenganar do que é o homem sem os vinculos que o subjeitam civil, moral e religiosamente.

Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor estrangeiro e não christão, todo o luxo de pseudo-philantropia que sacie o seu Rousseauiano entusiasmo philo-selvagem; um historiador nacional e christão tem outros deveres a cumprir: e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Rendons, dos Toledos e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os bugres ou indios barbaros, as raias da civilização da patria dos dois Gusmões, e de tantas illustrações, que contribuem não pouco á gloria do imperio brasileiro.

F. A. DE V.

OS NARCOTICOS.

O professor Johnson julga que o consumo dos diversos narcoticos, de que os homens usam habitualmente para entorpecer a vivacidade das idéas e das sensações, pode ser submettido á divisão seguinte: — O uso do tabaco é commum a 800 milhões de homens; o do opio, a 400 milhões; o do canamo, a 200 ou 300 milhões; o do bethel, a 100 milhões; o da coca, a 10 milhões. Existem ainda alguns narcoticos; mas são de emprego muito menos geral que os apontados.

Quanto mais intelligente, e illustrado fór o homem, mais respeitará os seus deveres.

COINCIDENCIAS NOTAVELIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALBUNTY.

Continuação.

Foram dois tambem os degolados por esta occasião: D. Pedro de Attaide, e D. Fernando de Menezes, irmão do bispo d'Evora, que morreu comido de bichos mettido n'uma cisterna em Palmella. D'estas coisas mandou D. João informar os reis catholicos, Fernando e Isabel, atalhando assim os projectos dos mal contentes, que fundavam suas esperanças na protecção de Castella; e cimentando por tal modo a amisade entre si e aquelles monarchas, que D. Fernando lhe pediu soccorros contra os granadinos, e lh'os mandou agradecer por uma embaixada extraordinaria, por tambem serem maiores do que pedira.

Duas fortalezas ergueu D. João II: uma grande torre em Olivença, no anno de 1488, com que se inquietaram algum tanto os reis de Castella; outra fortaleza em Africa, na foz do Lixa, onde veiu logo a combatel-a o rei de Fez com quarenta mil de cavallo, aos quaes teve de render-se.

Dois finados reaes. Em 1491, havendo a corte passado algum tempo em Santarem, no meio de alegres festas, de justas e torneios, touros, e divertimentos pelo rio, em escaleres illuminados e cheios de musicos; o principe recémcasado é ferido mortalmente de uma queda do cavallo, quando corria um pareo com D. João de Menezes. Juntou-se a morte d'esto principe, herdeiro da coroa, a que já era sentida da infanta D. Joanna, aguando e transformando em luto a pompa de tantos festejos.

Duas ordens a um menino. Quiz D. João legitimar seu filho natural D. Jorge, mas negou-lhe o papa Alexandre VI a supplica: se bem que lhe concedeu uma bulla para fazel-o, ainda menino, mestre das ordens de S. Thiago e Aviz.

D. Manuel restabelece a casa de Bragança em 1496. Manda em 9 de Julho (*segundo dia da segunda semana do segundo de dois mezes seguidos que começam pela mesma letra etc.*) Vasco da Gama a descobrir o segundo caminho para a India com duas vezes dois navios. Casa com a infanta viúva de D. Affonso, filho de D. João II, e por tanto é *segundo* marido da infanta. Em 1498 (*dois annos depois*) é duas vezes acclamado com ella: em Tolosa, pelas côrtes de Castella; em Saragoça, onde são jurados herdeiros d'Aragão. N'esta cidade deu a rainha a luz o principe D. Miguel, e falleceu aos 24 de Agosto, *segundo* mez que começa pela letra A. Em 1499 volta Vasco da Gama, sómente segundo a D. Fuas em ordem chronologica, e nas letras iniciaes *F G* dos nomes; não pela ousadia da empresa. N'este anno foi trasladado para a Batalha o corpo de D. João II.

Em 1506, dois frades de S. Domingos, por causa de um falso milagre, occasionaram grande matança de christãos novos em Lisboa. Durou tres dias: subiu a perda a 2000 pessoas. Os dois frades tiveram por punição ser queimados vivos.

Dois governadores da India e dois estreitos. Em 1508, Fernão Coutinho passou á India, com ordem de mandar para o reino D. Francisco de Almeida, e metter de posse do governo D. Affonso de Albuquerque, cujo braço veiu a dilatar o imperio portuguez, desde o estreito de Babelmandel, até ao de Malaca.

Dois tostões. Fernão de Magalhães, por D. Manuel lhe não querer accrescentar a moradia em dois tostões, passou com Ruy Faleiro á Hespanha, a offerer-se a Carlos v para descobrir-lhe novo caminho para as Molucas, ilhas que dizia de sua conquista.

..... Tambem dos portuguezes,
"Alguns traidores houve algumas vezes";

este teve motivo bem pequeno para trahir a gloria da sua patria por tal somma; se bem que, com ella, a 30 réis como estava o trigo por aquelles tempos, pudera comprar alguns alqueires d'elle.

Dois validos de D. João III: D. Luiz da Silva, e D. Antonio de Attaide. Este, dizendo-lhe o rei que faria bem em comprar as terras do senhor de Azambuja, seu visinho, respondeu: melhor faria vossa alteza se puzesse o senhor de Azambuja em estado de não necessitar de as vender; porque elle, e seus antepassados, empobreceram com os serviços que tem feito á corôa.

Solimão II, rei dos turcos, sae do mar Roxo com uma esquadra, onde vem embarcados 4000 janisaros, e 16000 soldados, contra os portuguezes. Frustra-lhes tal apparatus de guerra o esforço d'estes, no tempo de D. João III.

Em 1539 e 40, morreram *dois* infantes, filhos de D. João III: D. Philippe, de seis annos d'idade; D. Antonio, de onze mezes. N'este mesmo anno tambem falleceram *dois* irmãos d'el-rei: o cardeal infante, D. Affonso, a 21 de Abril; e D. Duarte, a 20 de Outubro. Este D. Duarte era casado com a duqueza de Bragança, e por sua filha D. Catharina, passou á successão regia a casa de Bragança, em 1640.

D. João III em 1552 casou seu filho, o principe D. João, com a infanta D. Joanna, filha do imperador Carlos v. Em 1554 morre o principe aos 2 de Janeiro, com dezeseite annos d'idade. Para encobrir á princeza a morte do seu marido, foi el-rei visital-a vestido de gala, e ella deu á luz, no dia de S. Sebastião, aos 20 do mesmo mez, D. Sebastião. A rainha, quando soube da morte do esposo, ficou inconsolavel; mas teve de partir depois para Hespanha, a tomar posse da regencia, e cuidar na educação do infeliz principe D. Carlos, seu sobrinho, e filho de D. Philippe, que depois o mandou matar.

Morreu a 27 de Novembro de 1555 o infante D. Luiz, delicias de Portugal.

De modo que, D. Sebastião teve pae e mãe do mesmo nome, João e Joanna; morreram-lhe em 1540 *dois* tios, um de 6 annos, outro de 11 mezes. A somma 17 d'estes numeros, é o numero de monarchas da sua linha, e o da idade em que morreu seu pae, ainda elle não era nascido. No mesmo anno de 1540 tambem lhe morreram *dois* irmãos do avô, como vimos, ambos quasi no mesmo dia do mez, que precede os *dois* ultimos em cada semestre. Seu nascimento, a 20 de Janeiro, 2 annos depois do casamento de seu pae, em 1552, succedeu tambem entre *duas* mortes: a de seu pae a 2 do mez em que nasceu; e a do tio, infante D. Luiz, quando lhe faltavam quasi 2 mezes para ter 2 annos d'idade.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XC.

Do que aconteceu a Manuel da Silva na galeota

Logo se contou publicamente em como Manuel da Silva dizia, que elle entregara a ilha, e que o marquez a não tomara, e se dice que alguns capitães e pessoas nobres que vinham na armada, que diceram ao marquez, que lhe convinha degolar Manuel da Silva, porque se o não fazia que não tinha ganhado honra alguma, e que foi o marquez persuadido a isso. Tanto que Manuel da Silva foi mettido na galeota logo se ordenou dar-lhe tormentos, mas dizem que lhos deram por terror, porque dice elle que não se davam a tal pessoa como elle tormentos: diceram-lhe: *Pois V. S. não nos dava de fogo a muitas pessoas?* Dice elle: *Pois isso era a pessoas grossas e robustas.* Comtudo dizem, que lhos deram para lhes serem perguntadas algumas cousas, mas não se lhe enxergaram depois em lhe verem signaes d'elles. Esteve na galeota dois dias: depois, ao terceiro dia, o degolaram com outros, porque acabados os tratos logo lhe diceram, que se confessasse, e ordenasse a salvação da sua alma. Cuidou elle que era zombaria. *A mim me hade o marquez mandar matar? não pode ser.* Comtudo desenganaram-no que havia morrer: mandaram os padres melhores lettrados que fossem lá estar com elle aquelles dois dias. Quando elle viu o desengano fez seus apontamentos que quiz por sua letra, confessou-se, começou a tratar com os padres a salvação da sua alma dois dias e duas noites, que não dormira. segundo se dice na cidade.

Continua.